

ENTRE O LIRISMO E A LUCIDEZ

Política, moda, morte, feminismo, o sertão... aos 25 anos, o ator Jesuíta Barbosa percorre assuntos mundanos e filosóficos com austeridade e franqueza – *pero sin perder la ternura*

POR MARÍLIA KODIC

FOTOS BOB WOLFENSON



“A

poesia de minha terra é agora bem mais intensa que a fantasia de quando eu vivia lá. Poesia e fantasia são primas de primeiro grau, a mãe delas é a saudade”, diz Jesuíta Barbosa, ao ser indagado sobre sua infância no interior pernambucano. É assim, poético, perspicaz, que o jovem ator conduz a entrevista a seguir. Aos 25 anos, ele já contabiliza seis papéis na TV Globo e atuações sob direção de expoentes como Karim Aïnouz, Cacá Diegues e Stephen Daldry. Agora, protagoniza *Malasartes*, que chega aos cinemas em 20 de agosto, e se prepara para lançar a adaptação cinematográfica de *O Grande Circo Místico*, além de uma série televisiva. Jesuíta não para – ainda bem.

Malasartes é um tradicional personagem da nossa cultura associado à malandragem. Qual a sua perspectiva sobre o tão simbólico “jeitinho brasileiro”? A construção social do brasileiro é essa junção de culturas diversas. Nossa figura é uma espécie de tentativa de cópia do europeu, com a ridícula negação do indígena, que é o real descobridor dessas paragens, e do negro africano, cujo império o europeu assolou e escravizou.

A figura nacional se torna, então,

esse indivíduo que quer se dar bem a todo custo: o legítimo malandro, tão egoísta quanto atrapalhado. Minha perspectiva não poderia ser senão a do latino-brasileiro, nascido, criado e inserido nesse contexto de artimanhas, de improvisos, mas menos por egoísmo e mais por sobrevivência.

Falando em malandragem, mas em outra escala: como a crise política o afeta? O que está escancarado nas investigações (um tanto duvidosas) e na exposição dos fatos é que estamos sendo roubados, e noticiados sobre isso em tempo real, o que é assustador e inadmissível. A mim, esse golpe de governo afeta impetuosamente: diretamente ao meu lugar de nascimento (meu corpo e minha cidade), a toda a (falta de) estrutura educacional...

O país saiu da linha de pobreza há pouquíssimo tempo, e parece que esquecemos com muita facilidade que grande parte do Nordeste sofria até há pouco sem subsídio para alimentação. Era fome. Me aterroriza pensar que estamos próximos de voltar à miséria nas camadas mais pobres. Estamos no meio de um caos: a atenção se faz necessária, por mais que tudo seja cansativo.

Como fica o mercado cultural em meio a esse cenário? A cultura não pode ser, para um governo tão ladrão

e canalha como esse, uma prioridade, e então ela não se faz necessária, pelo contrário, atrapalha, incomoda, modifica. Opa! Aí está nossa função. Além do entretenimento, o discernimento.

Você resgatou algo de sua memória sertaneja para fazer este trabalho?

Sou pernambucano, cresci entre Fortaleza e o sertão central, onde me formei humano, com as características do lugar, o sotaque, o gestual. Não posso correr deles, são minha parte mais genuína, onde eu consigo ser.

O filme é a produção nacional com o maior número de efeitos especiais na história do cinema brasileiro. Como isso contribui para o resultado final? É um feito memorável. Fico feliz de participar de uma produção assim, com uma pós-produção tão prolongada para a parte de efeitos. Sempre percebo que o público brasileiro gosta de filmes desse tipo, pela influência estadunidense, Hollywood e seus filmes de super herói. Pois bem: agora temos um filme de super-herói cheio de efeitos e magia, só que brasileiro, da nossa cultura.

O que a morte, tema central do longa, simboliza para você? Acho que a morte é uma constante. É difícil ouvir isso, né? Mas acredito que, se não



aceitarmos que a morte é um caminho em vez de uma fuga, não conseguiremos progredir espiritualmente. É um dilema entender a vida, mas não tenho dúvidas de que a morte é fundamental para o caminho.

Malasartes foi vivido pela primeira vez no cinema por Mazzaropi, um dos mais consagrados atores brasileiros. Você é um entusiasta de filmes clássicos nacionais? Admiro muito Mazzaropi pelo empreendedor que era. Produzia, dirigia, atuava. Ele foi o homem que inventou cinema no Brasil. Outros grandes vieram, como Sganzerla, Person, Babenco. O cinema clássico é um projeto de estudo e de memória, um portal para uma época e também para entender o quanto aquele registro nos comete nos dias de hoje.

O estado de Pernambuco vem se firmando como polo gerador de um dos cinemas mais pujantes do país (com Kleber Mendonça Filho, Hilton Lacerda, Heitor Dhalia etc). Como a produção de lá difere da do eixo Rio-São Paulo? O Nordeste e Pernambuco têm muita força crítica. É cinema de guerrilha e de denúncia. O Sudeste é esse ambiente capitalista, onde estão as bases sólidas do sistema, e não tem para onde correr.

Na minissérie *Justiça* (2016), seu personagem chamou a atenção para o machismo impregnado na sociedade patriarcal brasileira. Qual a sua perspectiva sobre o feminismo moderno? Feminismo não é o contrário de machismo. Não se contrapõe um ao outro. As mulheres, os gays, bissexuais, lésbicas, trans, lutam – ou espero que o façam – por desmistificar essa ideia de patriarcado, de deus pai todo-poderoso, de provedor, homem da casa. Já são outros tempos, a nova era é agora, e quem se limitar ao esnobe e manchado poder masculino estará pondo em xeque sua própria inteligência.

Você estrea o aguardado *O Grande Circo Místico* ainda neste ano.



Jesuíta Barbosa em cena de *Malasartes*, no qual contracenou com Isis Valverde



“OS SERES HUMANOS SE ESQUECERAM DE QUE SÃO BICHOS, E SÓ VEEM A SI PRÓPRIOS.”

Como foi fazer esse trabalho? Trabalhamos o filme inteiro em Portugal, dividindo locações entre Lisboa e Alcochete. Foram dois meses de filmagem no frio lusitano, que nos tirou do lugar-comum. Essa mudança de clima também modificou os tempos de atuação, de pensamento, e isso influi diretamente na obra. O circo é uma poesia fantástica de Jorge de Lima, cheia de gerações da mesma família, contemplando nascimento e morte no picadeiro da vida.

Qual a sua relação com a moda? Você se considera vaidoso? Gosto de entender as cores, de refletir as cores de acordo com meu dia. De como a roupa pode me provocar uma sensação de bem-estar, ou o quanto posso provocar quem vou encontrar. A vaidade é um tanto perigosa se não for comediada, um passo para o narcisismo.

Você sente que teve uma rápida alçada à fama? Como lida com ela, e o que faz para não se deixar levar pelo ego? Eu tento acordar novo a cada dia, e acordo. Entendo que sou parte de um país muito grande e cheio de dificuldades dentro de um planeta maior ainda. Lembro que os seres humanos se esqueceram de que são bichos, e só veem a si próprios. Concluo que meu tempo e minha liberdade são muito úteis para tentar entender o mistério da vida. Aí percebo que não é sobre mim, é sobre o outro.